

O REI DO RITMO

A história pungente e confortadora de William C. Handy, criador do blues



Carl Wall

HÁ POUCO TEMPO OS residentes do Asilo para Velhos de Côm, em Brooklyn, reuniram-se à noite para ouvir um cavalheiro que ia visitá-los e devia fazer um discurso. Ficaram muito surpreendidos quando o visitante, em vez de discorrer sobre as alegrias da velhice, levou à bôca um pistom dourado e começou a executar com animação o *St. Louis Blues*. À medida que soavam as notas vibrantes os rostos enrugados abriam-se em sorrisos, as mãos encarquilhadas começaram a bater ao ritmo da música que muitos daqueles velhos dançaram havia mais de 40 anos.

O "orador" era William Christopher Handy, patriarca dos compositores de canções dos Estados Unidos, autor do imortal *St. Louis Blues* e de muitos outros grandes sucessos.

Naquela noite êle estava pondo em prática um de seus preceitos prediletos: "Se você quer ser feliz, torne os outros felizes." Apesar da enfermidade que o prendera na cama durante várias semanas, êle fizera questão de cumprir o prometido, dizendo ao médico: "Isto vai fazer tanto bem a mim como aos velhinhos."

O médico absteve-se de observar que, com os seus 84 anos, Handy era provavelmente mais velho do que a maioria dos asilados. Não que isso adiantasse. O venerando músico recusa-se a admitir a passagem dos anos. Outros podem envelhecer, mas êle torna-se mais "maduro". Tampouco leva em conta o fato de ser cego.

W. C. Handy é uma das figuras lendárias do mundo das diversões nos Estados Unidos. Ao vê-lo pela pri-

meira vez, ninguém acredita que êle já tenha passado dos 80. Seu rosto alegre não tem rugas, seu riso jovem e vibrante enche a sala. O segredo de seu vigor talvez esteja no fato de êle continuar hoje quase tão ocupado como sempre andou. Como chefe da firma Handy Brothers Music Co., êle ainda trata de todos os detalhes importantes do negócio, que lhe dá uma grande renda anual. Viaja muito o ano inteiro, visitando casas de música, fazendo discursos em jantares para campanhas de caridade, aparecendo em espetáculos de beneficência. E dedica uma grande parte do seu tempo à Fundação W. C. Handy para Cegos, organização que êle fundou em 1953.

No ano passado, quando foi hospitalizado devido a um ligeiro ataque apoplético, um amigo lhe perguntou:

—Por que você não descansa, Handy? Deixe outra pessoa incumbir-se de todo êsse trabalho de caridade.

Handy sorriu:

—Deus quer que eu faça isto—respondeu.—Agora não posso largar.

As circunstâncias da vida de Handy explicam êsse anseio de ajudar os outros. Para os milhões de pessoas que têm dançado ao som das suas músicas êle parece um gênio fabuloso que, sem o menor esforço, criou sucessos imortais como *Beale Street Blues*, *Memphis Blues*, *St. Louis Blues* . . . e tem vivido feliz e tranquilo com os rendimentos dessas composições. Mas a verdadeira história é bem diferente.

Nascido em Florence, no Estado de Alabama, com o amor à música desde garôto, já aos 12 anos Handy esbarrava com a desaprovação dos pais quando levou para casa um violão que comprara à custa de duras economias.

—Um violão!—exclamou o pai escandalizado.—Isso é instrumento do diabo. Leve isso de volta. Ande!

Mas o jovem Handy fazia ritmo proibido raspando com um prego numa queixada de cavalo ou trauteando através dum pente fino. Vagava pelos matos catalogando sons. O pintarroxo era um cáldo contralto. O tordo dos remedos trinauva cadências. Até o berro distante de um touro e os apitos roucos dos barcos no rio ressoavam na sua imaginação como notas musicais. Afinal, comprou, escondido, um velho cornetim e levou anos praticando nêle em segredo.

Já môço foi trabalhar numa usina de aço. Quando, em 1893, a crise econômica provocou o fechamento das usinas, Handy pôs-se a percorrer os Estados Unidos como músico ambulante, dormindo em qualquer canto, nas lages dos cais do Mississípi ou em terrenos baldios. Trabalhava em qualquer coisa—com a turma de calceteiros, como zelador do salão de uma sociedade de canto coral, onde estudou música com o maestro da sociedade.

Sua primeira oportunidade surgiu quando lhe foi oferecido um lugar de cornetim dos Minstrels de W. A. Mahara. Após várias temporadas

bem sucedidas, Handy organizou sua própria orquestra de dança em Memphis, Estado de Tennessee. A orquestra era boa, mas muitas vezes tocava com instrumentos retirados às pressas, para serem tocados à noite, da casa dum penhorista indulgente, sob condição de serem devolvidos no dia seguinte. Aos 40 anos, casado, com quatro filhos para sustentar e com um rendimento miserável, Handy considerava-se um fracasso.

De repente veio uma reviravolta. Numa noite de setembro de 1914, Handy trancou-se com um piano num quarto alugado, na redondeza de Beale Street em Memphis e pôs-se a anotar febrilmente uma melodia cujo tema o obsecava havia 20 anos. Era uma canção nostálgica e pungente, começando pelas palavras hoje em dia tão conhecidas: "*I hate to see de evenin'sun go down*" (Detesto ver o sol se pôr). Era o *St. Louis Blues*, que conquistou imediatamente os Estados Unidos de ponta a ponta. Cada entrega de cartas trazia pelo menos um cheque em pagamento de direitos autorais, e num fabuloso fim-de-semana entraram seis mil dólares.

Em 1918 Handy abriu em Nova York uma editôra de músicas. No princípio o negócio foi ótimo, mas com a restrição geral de despesas depois da Primeira Guerra Mundial, a venda de partes de músicas começou a cair. Seus direitos autorais re-

THOMAS EDISON disse em certa ocasião que em cada geração existe um punhado de "mananciais de cerebração", como êle os denominava—homens criadores de idéias que servem de exemplo e inspiração para milhares que vêm depois dêles. Neste grupo eu incluiria sem hesitação o nome de William C. Handy. Como o Pai do *Blues*, êle contribuiu com algo absolutamente inédito e absolutamente americano para a música universal.

—Deems Taylor, crítico musical e compositor de fama internacional

duziram-se a quase nada e Handy viu-se obrigado a despedir quase todos os seus auxiliares, passando a dedicar seus domingos à escrita da casa e as noites a fazer arranjos musicais. Mas recusou-se a desistir.

Através de tôdas essas dificuldades "O Pai do *Blues*" conservou o seu bom humor, como no caso do piano de cauda que fôra hipotecado. Não podendo fazer o pagamento do empréstimo, Handy mandara levar o piano da sua casa para o escritório na Broadway a fim de poder continuar a trabalhar numa nova canção, e, como o proprietário do escritório o ameaçasse de despejo, conseguiu amansá-lo com a perspectiva de ter o piano como garantia pelos aluguéis atrasados. Mas chegou o dia em que a companhia que fizera o empréstimo mandou buscar o piano. Estabeleceu-se a discussão.

Enquanto o proprietário do escritório e os carregadores discutiam, Handy, com os olhos brilhando, ex-

perimentava novos acordes. Quando os carregadores começaram a empurrar o piano, levantou os olhos, berrando:

—Diabos levem! Como é que um homem pode trabalhar com tóda esta confusão?

E, voltando-se para o proprietário, propôs:

—Por que é que o senhor não paga a êsses abutres os dólares que êles querem, para eu poder continuar o meu trabalho? Só me falta acabar esta música para lhe pagar o seu dinheiro. Vai ser um sucesso, garanto! Escute só!

E começou a tocar *Sundown Blues*, e dali a pouco proprietário e carregadores estavam marcando com os pés o ritmo irresistível. O incidente encerrou-se com o proprietário adiantando o dinheiro para liquidar o empréstimo e acrescentando essa dívida aos alugueis atrasados.

Mas os negócios continuavam fracos. E, de repente, Handy começou a sofrer dores terríveis nos olhos. Dentro de alguns meses estava inteiramente cego, em consequência, sobretudo, de excesso de trabalho, preocupação e tensão nervosa. Disse então ao médico:

—É culpa minha, não é? Bem meu pai me dizia para usar a vida como uma roupa folgada; mas eu a usei apertada demais. Só pensei no sucesso, nas coisas que o dinheiro pode dar.

Depois continuou:

—Mas, prometo a Deus solenemente, agora mesmo, que, se algum

dia tornar a enxergar, isso é o que farei: usar a vida como roupa folgada.

O primeiro impacto da cegueira levou Handy quase ao desespero. Ficava sentado num canto, com as lágrimas a lhe correrem dos olhos cegos. Uma noite pediu a sua mulher, Elizabeth, que lêsse para êle em voz alta o Livro de Job, e, à medida que a voz clara e suave lia aquelas passagens majestosas, Handy foi-se acalmando. Desde então a leitura da Bíblia tornou-se um ritual quotidiano.

Dé novo Handy começou a procurar acordes no piano, e foi nessa época que fêz os seus primeiros arranjos de cânticos religiosos.

Naqueles anos de cegueira Handy descobriu o coração generoso de seus amigos. Dezenas dêles o ajudaram com dinheiro e de muitas outras maneiras. Um tipógrafo, a quem o compositor havia prestado um favor, pôs-lhe na mão duas notas de mil dólares, murmurando: “E não se preocupe com o pagamento.”

Afinal, numa inesquecível manhã, a família Handy despertou com uma vigorosa interpretação do *St. Louis Blues*: o compositor descobrira seu pistom dourado e voltava a tocar com tóda a alma. Emergira do abismo. Sua saúde melhorou rapidamente e, após uma operação nos olhos, recuperou a vista milagrosamente.

Reabrindo o seu escritório na Broadway, Handy começou a reorganizar a emprêsa alquebrada. Aos poucos seus negócios prosperaram. *Aunt Hagar's Blues*, uma canção

que êle escrevera havia alguns anos, tornou-se repentinamente um grande sucesso. Mas então, já com cinquenta e poucos anos, Handy estava resolvido a seguir o conselho de seu pai, "usar a vida como roupa folgada". Dedicou-se a ajudar os outros. Ao mesmo tempo que pagava suas dívidas, adiantava dinheiro a compositores pobres que não podiam pagar o armazém, pagava contas de hospital de músicos sem emprêgo, contribuía para muitas obras particulares de caridade. E quando mais se dedicava a socorrer os outros, mais os seus negócios prosperavam.

Grande falador, Handy tornou-se um bom ouvinte. Uma noite ouviu pacientemente um desconhecido—Robert Clairmont—que êle julgou ser um boêmio.

—Por que não damos um concêrto no Carnegie Hall, mostrando a evolução da música negra?—sugeriu Clairmont.

—Ótima idéia. Mas essas coisas custam um dinheirão: 3.000 dólares, no mínimo.

—Muito bem. Segunda-feira de manhã eu lhe trago o dinheiro.

Clairmont revelou-se um homem fora do comum: corretor próspero, ansiava por encontrar sua expressão

pessoal em outro campo que não a bolsa de títulos. O concêrto—uma das primeiras manifestações de "glorificação do blues"—foi um sucesso fabuloso. Paul Whiteman e outros diretores de orquestras de destaque também começaram a fazer interpretações sinfônicas dos blues. Os direitos autorais das vendas de discos aumentaram de tal maneira que Handy viu-se definitivamente libertado de preocupações financeiras.

Em fins de 1939 Handy começou de novo a perder a vista, mas dessa vez aceitou com calma a cegueira que se aproximava, não permitindo que isso afetasse em nada o seu trabalho. Em 1953 a Comissão em prol dos Cegos do Estado de Nova York homenageou-o pelo seu trabalho de caridade nesse terreno, prestando tributo "ao homem de 80 anos cujo ânimo extraordinário reflete as palavras de sua famosa canção: '*I hate to see de evenin'sun go down!*'"

Mas a melhor expressão da filosofia de Handy talvez seja a que êle próprio usou quando disse recentemente:

—A vida é mais ou menos como tocar pistom; a gente tem de soprar alguma coisa para dentro dêle para tirar alguma coisa dêle.

Resposta Paga

ÊSTE ANÚNCIO apareceu em *Times* da cidade de Brazil, Estado de Indiana: "PRECISA-SE—Que o Sr. e a Sr.^a F. V. Zimmerman visitem Susan e Carol em Aiken, Carolina do Sul."

Os Zimmermans acharam tanta graça e ficaram tão emocionados ao lerem o anúncio, que suas netas tinham mandado pôr e pago com dinheiro delas, que dali a dez dias estavam a caminho da Carolina do Sul.